

# d'Orey

GAZETA

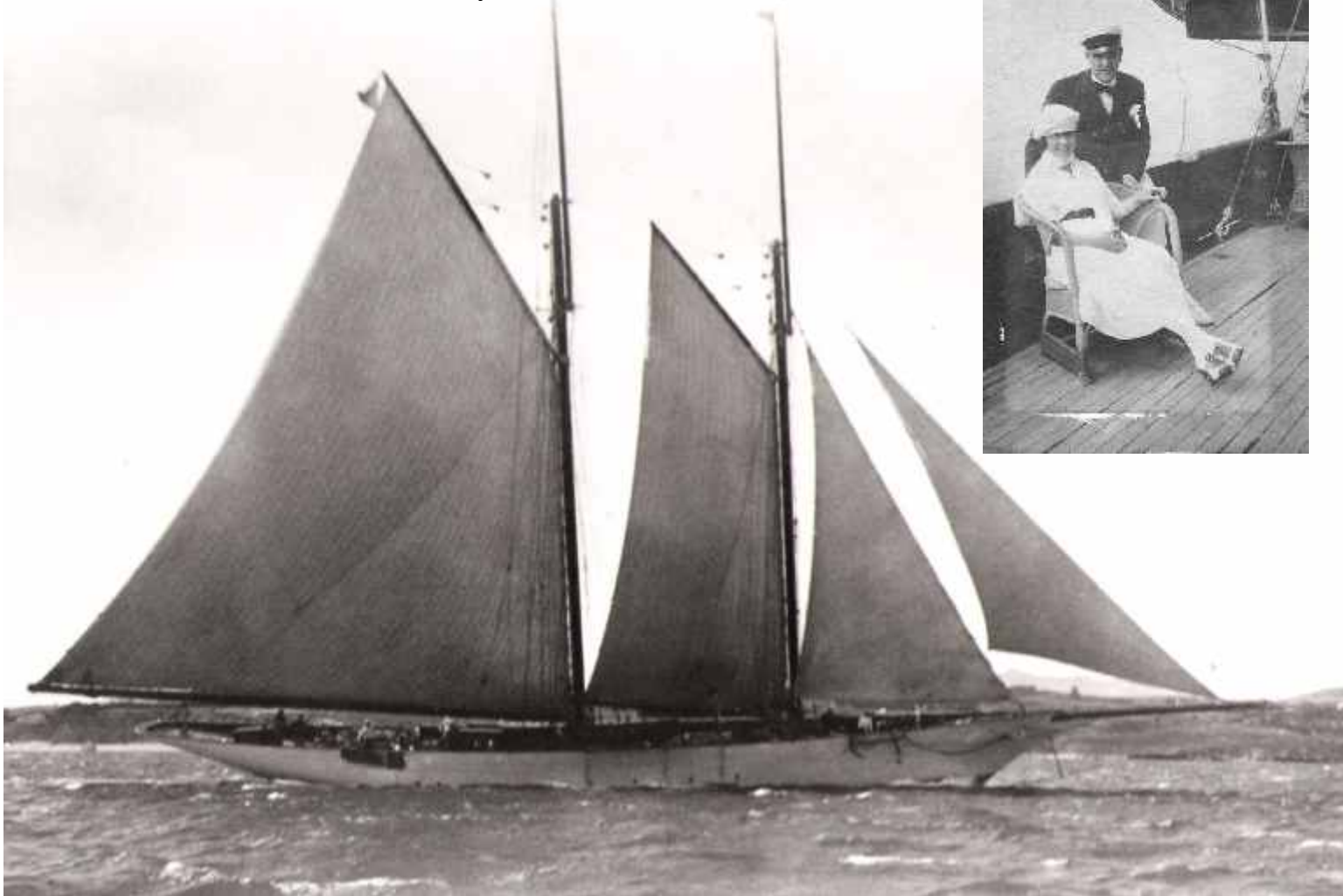


## Notas da Redacção

O Pedro Cardoso d'Orey escreveu um contraponto ao artigo da sobrinha Teresa d' Orey Santiago (Gazeta nº 7, pag. 8). Texto profundo mas que a Gazeta não pode fazer eco pela extensão do mesmo. Podemos, e isso sim, congratularmo-nos de termos feito a ponte entre estes dois pensadores.

Os textos desta Gazeta não poderão estar por ordem de idades ou importância dos mesmos por questões de paginação. Aliás, quanto à importância relativa dos textos, teríamos que reunir um Conselho de Família o que implicaria mais um problema: o de tempo! Simplificámos e esperamos que ninguém se ofenda. A próxima Gazeta daremos continuidade à História deste casal, nomeadamente a vivência em Sasseiros.

*No Verão de 1919 um iate saía de Lisboa com destino ao Mediterrâneo. Ao passar as Colunas de Hércules, deu-se o "coup de foudre" - Vasco e Manuela encantaram-se e desse encanto nasceu a nossa família*



Iate "Irma", propriedade de Ruy de Albuquerque d'Orey

Redacção: **Tim-Tim** (laranja) email: [tintim\\_milu@hotmail.com](mailto:tintim_milu@hotmail.com) **Nico** (verde) email: [amslewinski@net.vodafone.pt](mailto:amslewinski@net.vodafone.pt)  
Morada: **Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras** Fax: 214 213 156 [www.dorey.pt](http://www.dorey.pt)  
Distribuição: **Luisa Loureiro** (laranja) email: [mlloureiro@jmellors.pt](mailto:mlloureiro@jmellors.pt) Paginação e imagem: **Bruno d'Orey Slewinski** (verde)  
A **Gazeta d'Orey** é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.

## SOBRE O PAI E A MÃE

por José Luiz de Albuquerque d'Orey (6º filho)

É-me sempre difícil escrever sobre o Pai sem incluir a Mãe. Foram um casal muito unido onde as suas grandes qualidades se complementavam.

O Pai foi sempre durante a sua vida um cristão convicto um monárquico, um patriota... e um trabalhador incansável procurando que o seu trabalho reflectisse as suas convicções.

Depois da sua infância decidiu tirar o curso de direito na Universidade de Coimbra, curso que não quis acabar, conforme a Janica mais à frente tão bem descreve. Estudante participou com imenso entusiasmo numa manifestação de estudantes de apoio ao Rei D. Manuel II. A manifestação foi um sucesso que o Pai relata num telegrama enviado ao avô Ruy. A manifestação como de costume acabou com umas cenas de pancada. Esta fazia então parte quase imprescindível da vida dos estudantes mas não criavam inimizades...

Tinha entretanto casado com a Mãe do Vasco Manuel, foi trabalhar para o Brasil, com o tio José Diogo, de quem ficou amigo toda a vida.

A sua mulher não se deu muito bem naquelas terras e voltou para Lisboa. A viagem de volta foi muito difícil. Corria para o mal do mundo a grande guerra de 14-18. O Pai que trabalhava com companhias de navegação francesas achou que devia embarcar num vapor dessas companhia e assim o fez. O navio era o *Guadalupe*. Foi interceptado no alto mar por um cruzador alemão o *Kronprinz Wilhwem*. Foi bombardeado e afundando tendo os passageiros passado em pleno mar alto para bordo do cruzador ficando presos num porão durante uns dias e posteriormente passados para um barco mais pequeno que os deixou em Pernambuco. Escusado será dizer que os passageiros perderam malas e haveres.

Em Lisboa foi trabalhar com o Avô como simples empregado vendendo automóveis como caixeiro viajante. Fez grandes amigos entre os empregados passando por diversos departamento e nos anos 40 foi nomeado gerente delegado.

Em 1917 morreu a Mãe do Vasco Manuel o que foi para o Pai um enorme desgosto.

Em Janeiro de 1920 casa com a nossa Mãe. Foi uma união muito forte e o seu amor foi transmitido a todos nós seus filhos que aqui testemunhamos.

Entretanto outros ramos de trabalho se desenvolveram como a Empresa de Pesca de Viana e os Estaleiros Navais de Viana do Castelo. Refiro-me essencialmente a estes dado que foram aqueles a que o Pai se dedicou de Alma e Coração. Em Viana do Castelo havia uma pequena empresa que detinha um pequeno lugre de pesca de bacalhau já muito velho: O Rio Lima. A sociedade de que faziam parte o sr. Ferreira e o sr. João Alves Cerqueira, este último uma verdadeira força da natureza. Chamava-se Companhia Marítima de Transportes e Pesca. Estes senhores apresentaram ao



Vasco d'Orey e João Alves Cerqueira

Pai um plano de desenvolvimento. A proposta mereceu a aprovação e assim nasceu a Empresa de Pesca de Viana. A frota foi completamente renovada. Foram sucessivamente construídos o lugre Santa Maria Manuela, posteriormente os navios S. Ruy e Sta Maria Madalena, todos construídos nos Estaleiros navais da Cuf, em Lisboa. O Pai encantou-se



com a cidade de Viana mas impressionava-o o surto de emigração dos homens daquele terra. Foi uma altura em que as pescas se desenvolviam e os estaleiros existentes nomeadamente os da CUF não davam vazão aos pedidos, facto que levou o Pai e o sr. Cerqueira a estudarem a criação de um novo estaleiro mas agora em Viana do Castelo. A construção das docas foi uma obra faraónica. Era necessário escavar o chão de granito puro numa largura de 10 metros e 15 metros de profundidade, salvo erro, e os elementos de trabalho que havia na altura eram: Pólvora para partir a rocha e carros de bois para retirar a pedra. Era impressionante e eu ainda vi este trabalho. Mas tudo foi feito e os primeiros navios que se fizeram foram: O Senhora das Candeias, Senhor dos Mareantes e o São Gonçálinho, os dois primeiros pertença da Empresa de Pesca de Viana e o terceiro da Empresa de Pesca de Aveiro. Todos eram arrastões.

O Pai, como Administrador da Empresa de Pesca de Viana e Presidente do Grémio dos Armadores da Pesca do Bacalhau, procurou melhorar as condições vida dos pescadores durante a faina dura que era a pesca à linha. Os contactos que os pescadores tinham com as famílias apenas eram possíveis quando os navios tinham de ir abastecer de combustível em St. Jones, o que podia durar meses. O apoio médico era nulo. Para acabar com esta situação foi construído nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo o navio Gil Eanes que acompanhava os barcos durante esse período e que além de assistência médica e cirúrgica que prestada a cada navio permitia uma permanente comunicação dos pescadores com as suas famílias e servia de distribuidor do correio entre St. Jones e cada navio.

Durante a segunda guerra mundial as companhias de navegação francesas que representávamos e não só estas tinham a maior dificuldade de ser abastecidas porque não havia nenhuma garantia de serem pagos. A pedido do Embaixador de França o Pai autorizou um

empréstimo de 400.000 escudos (valor de 1940) para que os navios pudessem ser abastecidos e seguir viagem. Por este gesto foi o Pai agraciado pelo presidente da República de França, Vincent Auriol, com o grão de Oficial da Legião de Honra.

No final dos anos 30 tinha sido criada na Holanda a companhia de aviação KLM. Era seu presidente o sr. Pleztman bem conhecido do Pai. Orey Antunes foi nomeada Representante daquela companhia. Durante a guerra e com a certeza que o exército alemão invadiria a Holanda, o que veio realmente a suceder, a Holanda utilizou a sua companhia aérea procurando transferir o seu ouro para um país neutro. A pedido da Holanda o Pai ia ao aeródromo de Sintra à chegada dos aviões da KLM e no seu pequeno Peugeot 203, apenas acompanhado pelo seu companheiro de trabalho Pedro Gonçalves Barata e por um guarda fiscal. Recebia o ouro e transportava-o directamente para o banco de

Portugal. Por este e outros serviços foi o Pai condecorado pela rainha Guilhermina como Cavaleiro da Ordem de Nassau e Orange e posteriormente como Oficial da mesma Ordem.

O Pai foi um patriota. Quando pensou que o País podia precisar, dele inscreveu-se na Legião Portuguesa, organização que deixou depois da guerra e quando lhe foram pedidas responsabilidades políticas respondeu afirmativamente tendo sido Procurador à Câmara Corporativa e tendo integrado uma vereação na Câmara Municipal de Lisboa.

O Pai era uma pessoa simples. Lidava bem com os grandes e os pequenos deste mundo. Quando morreu, à beira do seu caixão prestando-lhe a última homenagem, estavam num certo momento o Presidente da República e a humilde mãe dos gémeos de S. Domingos de Rana.

## SOBRE A NOSSA MÃE

por Salvador de Albuquerque d'Orey (9º filho)

Naquele fim de tarde no Rio de Janeiro recebi a notícia da morte da Mãe. Em casa, do terraço, via-se o Cristo do Corcovado que naquele dia parecia estar ali para me acompanhar na solidão, para aliviar a dor de ver partir alguém a quem muito se quer, para partilhar a tristeza de perder a Mãe. Rezei o Credo e sem explicação, senti uma alegria como se estivesse a ver a que ela terá experimentado naquele encontro com o seu Senhor a Quem serviu toda a vida. Seria a pensar nesse encontro que referiu na sua carta que nos deixou, a



passagem do Evangelho «Não temas, sou Eu». A serenidade da sua morte deixa transparecer a Fé, a esperança e o Amor com que viveu. Confortado com esta certeza quis escrever algumas notas sobre o que mais me impressionou na vida da Mãe. Não vale a pena escrever sobre muitas coisas que a fizeram sofrer nem sempre sobre a sua maneira de estar para todos era visível. Foi, julgo eu, a riqueza da sua vida interior que mais nos impressionou e marcou, e que apesar da idade e de um menor convívio, transmitiu a algumas das gerações seguintes. Se me pedissem para em poucas linhas escrever o que foi a vida interior da Mãe, eu diria que ela foi marcada por um sentido de eternidade que para ela já começara. Pouca gente que eu conheça, terá vivido tão intensamente os tempos do tempo. Como escreveu Santo Agostinho:

*Lembrança presente das coisas passadas;  
Visão presente das coisas presentes;  
Esperança presente das coisas futuras.*

Essa interioridade da Mãe apoiava-se numa Fé espantosa, como que intemporal, que lhe permitia projectar os acontecimentos, os sofrimentos e as dores na eternidade dos planos de Deus sobre o destino universal do homem. A admirável força da personalidade da Mãe baseava-se, creio eu, nesta confiante Esperança, sempre presente, das coisas futuras que aos olhos da sua Fé faziam parte desse plano desconhecido de Deus sobre cada um de nós.

Com esta Fé aceitou a condição humana com toda a força e fraqueza dessa mesma condição, tal como ela é, mas apesar de tudo também criada por DEUS, por vezes perversa mas nunca má em si mesma e por isso fonte de alegrias e tristezas. Com tal Fé, na sua visão apenas por fraqueza se afastava o homem da proposta de vida feita por Cristo, que a ninguém obriga mas a todos propõe felicidade nem sempre coincidente com a que imaginamos e por isso dificilmente compreendida mas que ela, com doçura, acreditou. Nesta visão do mundo e dos Homens o perdão está implícito, próprio da criação do Homem e, porque nela acreditava, aceitou aquilo que a fez e também muitas coisas que lhe deram alegria.

Nesta atitude de espírito, que penso cada dia renovada, assistiu com serenidade e sem críticas maldosas ao surgir de novos mundos, com outros costumes e concepções de vida resultantes das profundas transformações sociais ocorridas durante a sua passagem no mundo, porque no sentido cristão do seu Amor compreendia o que para a sua maneira de pensar e de viver parecia incompreensível. Aceitou todas estas alterações com Amor de Mãe. Compreendeu-as no Amor de DEUS pelos homens e pela oração, acreditou que o Senhor acabaria por perdoar e chamar os que lhe parecia terem-se desviado do caminho da verdadeira Vida.

Na simplicidade do seu modo de ser encontrou sempre a maneira discreta de ajudar os filhos e outros, e não sei nem alguém saberá a não ser DEUS, toda a extensão de caridade que praticou, manifestada numa disponibilidade quase permanente de ouvir e tentar compreender os problemas que afligiam outros, na família ou fora dela, e sempre que possível contribuir para a sua solução.

Com todas estas virtudes não admira que tenha vivido como viveu, numa aceitação permanente da vontade de DEUS como meio de fazer render os talentos que lhe foram entregues. Educou os filhos aceitando –os com as limitações de cada um e procurando supri-las sempre que lhe era possível. Na diversidade de quinze personalidades conseguiu com o Pai, criar uma amizade entre todos que graças a ambos ainda hoje perdura.

Porque sempre procurou a Sabedoria, penso que se lhe aplica com justiça a passagem daquele livro:

*Nela há um espírito inteligente, santo,  
único, múltiplo e subtil, móvel, penetrante, imaculado,  
lúcido, invulnerável, amigo do bem, agudo,  
incoercível, benfazejos, amigo dos homens,  
firme, seguro, sereno,  
tudo podendo e tudo abrangendo,  
que penetra todos os espíritos  
inteligente, puros, os mais subtile.*

Não penso exagerar ao plicar esta passagem à Mãe porque no que conheço da sua procura permanente de DEUS e do modo de O servir recebeu d'Ele a emanação puríssima da glória do Omnipotente.

## PERNA PARTIDA - BODAS PERDIDAS?

por Cecília de Albuquerque d'Orey (11ª filha)

Nem pensar!  
Temos toda a vida para festejar!  
Em vez de um grande laréu  
Tivemos uma Missa que foi o céu!  
O P. Archer celebrou  
Com a ternura que lhe é peculiar  
Os sobrinhos cantaram e  
Comovendo-nos rezámos  
Querem melhor celebração?  
Para mim, encheu-me o coração!



### A CECÍLIA

por Maria Teresa Sacadura Botte

Só tu eras capaz de brincar com a perna partida, pois além de grande dor que sentiste também o desmoronar do sonho do festejo dos teus 50 anos de Convento! Mas se foi o diabo que te empurrou, soubeste bem fazer-lhe um manguito e...aquela Missa Fantástica foi o apogeu dessas Bodas de Ouro a que tive a graça de participar contigo e com a família mais chegada nesse "Te Deum" de louvor por esta celebração. Um abraço da Tim-Tim.

PS.Há um ano a Cecília anunciou-me uma grande celebração para os 50 anos de Convento, e quando me chegou pelo correio o convite, dei graças a Deus por esta vocação tão forte que manteve a nossa Madre tão fiel ao seu compromisso. Também graças a Deus o programa foi alterado e eu pude participar naquela Eucaristia tão vivida e tão maravilhosa, naquela capela do Colégio onde ambas andamos e onde ela há 50 anos fez a sua entrada nas escravas. Quem diria quando debutei com ela na sua casa da Rua do Sacramento o rumo que cada uma de nós seguiria! Não há dúvida Cecília que fizeste a melhor opção!

## TAÇA DE 25 ANOS DE CASADOS

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski

A 7 de Janeiro de 1945 beberam por esta taça....Maria Manuela e Vasco d'Orey e muitos mais, seus descendentes usaram-na nas suas Bodas de Prata. Conforme noticiámos pelas palavras do seu filho Guilherme (Gazeta nº5, pag.5), o seu Pai (Vasco) era muito chegado aos tios do Barracão. Chamava à tia Mariana a tia Amor e quando havia algum assunto a tratar com o tio Luís em que havia algum receio de não serem atendidos, chamavam o Vasco.

Normalmente era atendido. Nada mais natural que Vasco achar uma esplêndida ideia de também mandar fazer uma Taça para os seus 25 anos de casados e para quê inventar palavras? As dos tios do Barracão eram perfeitas! Repetimos portanto:

**AOS BEM CASADOS** - Que por esta taça, comemorativa das nossas bodas de prata, bebem um vinho do amor, paz e de união familiar, os nossos descendentes que de nós conservem piedosa memória. A posse desta taça passará sempre com a nossa bênção, para o último que completar 25 anos de um leal casamento cristão.



## O PAI EM FAMÍLIA

por Bernardo de Albuquerque d'Orey (8º filho)

“Deus manda os bebés com um pãozinho debaixo dos braços” era um dito que o Pai usava de quando em quando.

O nosso Pai, quando éramos muito pequenos, era uma pessoa que durante a semana só víamos à noite quando íamos dizer Boa Noite, já nos fins de semana tínhamos muito mais contacto com ele pois íamos à quinta ou à praia e o Pai então conversava connosco bastante. Lembro-me por exemplo dos banhos com o Pai na praia de Carcavelos onde ele

nadava connosco para fora de pé, e até brincavam com ele: “lá vai o golfinho com as suas crias”. Mais tarde, quando já íamos à mesa dos grandes pelos 10/12 anos, estávamos muito com o Pai e então participávamos nas conversas. As conversas tinham como piada, que o Pai teria eventualmente herdado da avó Elvira, que dizia: “dos ausentes ou bem ou nada”.



Vasco e os seus filhos mais velhos

Dizia ainda que ter muitos filhos era uma coisa muito boa porque os desgostos eram divididos por todos e as alegrias eram multiplicadas por muitos.

Gostava muito de estar com os filhos e tinha coisas com piada que era por exemplo quando à noite estávamos depois de jantar no terraço da quinta ele tocava guitarra com o Zé Luis e algum convidado cantava o fado. O toque da guitarra do Pai era distinto do toque do José Luís era muito mais suave, ele tocava muito bem.

O Pai quando esteve a fazer os Estaleiros de Viana e as coisas não correram muito bem, da Mãe se voltar para ele e dizer-lhe que “com ela a esfregar escadas seria sempre muito feliz desde que ele esteja com ela” . por isso ele devia pôr uma cara mais alegre.

Mais tarde, já na Rua do Sacramento, passou a ser clássico de nós com o Pai, era ao deitar onde os rapazes iam com ele até ao quarto de vestir e acompanhá-lo até à cama, nós chamávamos por graça o “couché du Roi”.

Aos Domingos quando o Pai ia à quinta “A SUA ESPANHOLA” havia sempre uma guerra para sabermos quem podia ir com o Pai , a Mãe era companheira inseparável mas nós queríamos muito ir com ele. Eu diria quase todos, preferíamos ir com a Pai à quinta do que ir ao cinema. Era o que em calão diríamos UM SENHOR MUITO GIRO e que ainda por cima educava-nos muito bem.

Mas quem vestia as calças lá em casa era a Mãe, só raramente o Pai tomava as rédeas para nos castigar e quando o fazia as coisas eram sérias.

Mais importante que os filhos só havia uma pessoa a Mãe.

## UM DIA COM O AVÔ VASCO

por Carlos d'Orey



Quando o Avô Vasco morreu, tinha eu treze anos. Mas lembro-me bem dele. Lembro-me de o ver na Quinta das Encostas, de estar com ele na casa da rua do Sacramento à Lapa, até na rua Vicente Borga, onde nós ainda vivemos uns meses, quando nos mudámos de Viana do Castelo para Lisboa. E embora de lá tenhamos vindo quando eu ainda tinha cinco anos, lembro-me até de o ver em Viana, onde ele muitas vezes ia tratar de assuntos, e claro, nunca deixava de se demorar algum tempo lá em casa.

A sua figura impunha-se a qualquer um, tanto mais a um miúdo de dez anos, que era a idade que eu tinha quando o dia que vou contar aconteceu.

Tudo nele me fascinava, o simples facto de estar ao pé dele era como uma espécie de promoção, mas o que mais nele me impressionava eram as suas mãos.

Eu achava aquelas mãos enormes, grandes como as de um gigante, grandes e cheias, cheias sobretudo de bondade, de tudo aquilo que uma criança de dez anos pode ambicionar. Hoje, vejo-as como umas “Mãos” de Rodin no masculino. Delicadeza, beleza e sensibilidade, como as do escultor, mas com um tamanho e uma força de gigante misturada. E o que eu admirava aquela aliança!. Nunca, no Pai ou nos tios, eu tinha visto uma tão grossa. E tilintava. Até que um dia o Avô me contou a sua história.

Passé a admirá-la ainda mais.

Naquele dia o Pai levou-me ao escritório, como tantas outras vezes em que eu não tinha aulas. Eu gostava imenso, sentia-me alvo de muitas atenções e brincadeiras, tinha oportunidade de ler prospectos de viagens a países extraordinários, via ao pormenor paquetes de sonho, perdia que tempos a olhar aquelas enormes maquetes de navios que estavam nas duas grandes montras.

À entrada demos de caras com o Henriques, o colaborador mais próximo do Pai, sempre pronto a disparar uma gargalhada, com uma piada sempre preparada, nunca o vi com um semblante menos bem disposto.

— “Vamos falar ao Avô”, disse o Pai. Subimos ao primeiro andar, eu a antecipar a emoção do encontro.

Entrámos no gabinete. Depois do Pai falar, foi a minha vez de beijar a mão do Avô, e dei-lhe depois um beijo na cara. Com dez anos, já o Avô tinha deixado de me fazer aquela brincadeira que eu julgo que fazia a todos os netos até uma certa idade: —quando nos dava um beijo, em vez de o fazer logo, fazia na nossa bochecha o som de um traque, e dizia, oh seu maroto! Então isso faz-se ao Avô?. Mas enquanto viveu nunca deixou de me fazer o sinal da cruz na testa: — “Deus o abençoe meu filho”.

Só depois fui falar ao tio Kico, na secretária em frente à do Avô. È também um tio que eu recorro com muita saudade, sempre bem disposto, parecia que a vida lhe corria sempre bem.

Naquele dia, o Avô preparava-se para viajar até Viana. Ia sair daí a pouco para apanhar o comboio em Santa Apolónia. Então eu tomei uma decisão, enchi-me de coragem e perguntei: — “eu podia ir com o

Avô até à estação?” Não dirigi a pergunta directamente nem ao Pai nem ao Avô, talvez numa tentativa de ter mais chances de receber uma resposta positiva. — “Por mim pode com certeza”, disse o pai, “mas tem que pedir ao Avô”. Olhei então para ele, e foi como um balão de oxigénio ouvir a sua resposta:— “gosto muito que venha, depois volta com o *chauffeur*”.

Daí a uns vinte minutos estávamos a sair do escritório. Na rua, frente à porta, o senhor Paulino, boné na mão esquerda, abria a porta do Packard ao Avô, que entrou para o assento de trás. Eu entrei e sentei-me ao seu lado. Já muitas vezes tinha andado na “Arrastadeira”. Já isso era um prazer enorme, sobretudo quando tínhamos de passar no ai-ai-ai em Oeiras. Mas andar no Packard do Avô, isso era um privilégio que ultrapassava o de qualquer passeio noutra automóvel. Era como sentar-me no trono de um rei. O Pai veio até à porta despedir-se, e o senhor Paulino pediu licença ao Avô para seguir. Saindo da Praça Duque da Terceira voltou à esquerda. O Bigodes, do alto da penha de polícia sinaleiro, capacete branco na cabeça, sorriso de orelha a orelha, abriu o trânsito para o carro passar, perfilando-se em continência à sua passagem. O Avô retribuiu-lhe com um aceno da mão e um sorriso.

Em Santa Apolónia, o senhor Paulino chamou um bagageiro, que logo pegou nas malas do Avô, e nós seguimo-lo até à carruagem cama. Eu subi atrás do Avô e o senhor Paulino seguiu-nos, com os jornais do dia na mão. Faltava ainda quase uma hora para a partida do comboio, mas era com esta antecedência que o Avô gostava de chegar à estação. Pediu-lhe se podia ficar ali um bocado com ele. — “Pode com certeza meu filho, o senhor Paulino espera no carro por si”. Nunca tinha entrado numa carruagem cama, ali, tudo para mim era novidade. Um camareiro bateu à porta e perguntou se podia abrir a cama. — “Mais daqui a pouco”, disse o Avô, “o meu neto ainda aqui fica um bocado comigo até o comboio partir”. Nunca me tinha sido dada tanta importância. Sentia-me feliz.

Não me consigo já lembrar do que falámos, mas foram para mim coisas da maior importância. Sei que fiz montes de perguntas, e a todas elas o Avô respondeu. Eu, um dos muitos netos que o Avô Vasco já tinha, e era o único que ali estava, sozinho com ele, o único que ele estava a ouvir, o único a quem ele respondia, a mais ninguém tinha que dar atenção naquele momento. Era o máximo.

Ali estive até ter mesmo que sair, pois o comboio ia partir dentro de minutos.

O beijo que dei ao Avô naquela despedida, foi comovido, um beijo que nunca mais esqueci.

Voltei para o escritório com o senhor Paulino, agora no banco da frente. Mas nem por isso dei mais atenção ao que se passava lá fora. Continuava com o Avô no comboio.

Ainda estive no escritório até o Pai sair, mas nesse dia não liguei mais aos prospectos de viagens ou de navios, tinha outras coisas em que pensar.

Voltei para casa com o Pai, tinha sido um dia extraordinário.

Ainda hoje, quando vou ao Cais do Sodré, me lembro dessa tarde. Mas apetece-me abstrair do que se passa à minha volta, pois é tudo muito diferente do que era antes.

È que os semáforos de agora já não têm o sorriso do Bigodes.

Nota: A aliança a que me refiro foi mandada fazer pelo Bisavô Ruy para conter no seu interior aquela com que o Trisavô August Wilhelm Eduard Hector Achilles d'Orey se casou, e que se partiu, de tão fina que era.

Depois da morte do Avô, passei a vê-la no dedo do Pai, que a usou até morrer.

Hoje, sou eu que a uso.

## A AVÓ MANUELA

por Maria da Conceição C. H. A. d'Orey Delgado (Concha)



Quanto à minha história é engraçado porque eu sinto mesmo que a avó se dedicava especialmente a todos e a cada um de nós. Cada um de nós se sentia especial, entre tantos e tinha o seu cantinho que só a avó sabia tão bem criar. Lembro-me de dois ou três momentos com a avó que recorro com imenso amor. A avó Manuela com tantos netos todos os Natais ia almoçar a nossa casa na D. João V e nós sentíamos-nos especiais. A avó sabia criar esse sentimento em cada um de nós, cada um era apoiado naquilo que lhe faltava, conhecia-nos a todos muito bem. Eu achava sempre um bocadinho estranho porque é que a avó ia a nossa casa todos os anos, havendo tantos netos. Sabia que precisávamos dela. Mesmo quando os pais se separaram a avó continuou a passar o almoço de dia 25 connosco. A sua presença que era uma honra e tão aconchegante, tão presente, tão simples e TÃO GRANDE que, como sua neta sei que era assim com todos e como foi connosco, era assim com cada um!

Também na quinta havia o nosso momento. Todos os Verões havia umas noites por ano em que tínhamos o convite de ficar a dormir no quarto da avó, onde havia um divã, conversávamos e “privilégio máximo” tomávamos o pequeno almoço na cama. Conversávamos imenso nessas manhãs e aprendíamos muito com as suas histórias. Eram simples lições de vida em verdadeiras histórias encantadas, ou meras conversas sobre temas que a avó escolhia a dedo para “tirar nabos da púcara”. Era uma senhora extraordinária de uma sabedoria sem igual, uma educadora inata, com uma sensibilidade fora do comum e uma generosidade sem fim.

Também quando a mãe esteve doente teve um papel muito importante. Foi a avó que nos foi buscar para irmos visitar a mãe à clínica. Lembro-me perfeitamente da ida, que estava nervosíssima com o que iria encontrar e o desmistificar da Avó durante a viagem que tornou o passeio muito agradável e o encontro saudável.

Por fim lembro-me das horas perdidas que passei a jogar paciências, “o encontro” e *crapaud* que eu adorava e claro, sempre a conversar.

## A MINHA D'OREYZADA

por Carlos A. d'Orey Juzarte Rolo

A minha d'Oreyzada é grande, são muitos os meus tios, (os catorze filhos de Vasco d'Orey, porque a minha mãe não é minha tia) mas não são demais, tão parecidos, tão iguais e... tão diferentes.

É muito bom ter estes tios, os que ainda cá estão e os que já lá estão. Todos me deixaram marca e a todos recorro de forma grande e muito boa. Quando nasci em 1946, já cá estavam todos embora os mais novos dessem pouco acordo.

O tio Vasco Manuel, o mais velho, a quem convidei para padrinho de casamento, era engraçadíssimo, as suas partidas e aventuras fizeram dele uma lenda – reporto aqui recordações de miúdo – ensinou o Tiago a plantar macarrão e, vigiava as regas! Toureou um eléctrico com o MG na rua do Arsenal, num Domingo. Deu pimenta a cheirar ao camelo e pôs a trabalhar, a reacção, a burra da lavadeira.

Era sempre agradável estar com ele.

A seguir e não irei seguir cronologia, vem o tio Guilas. O tio Guilherme, o único que me assentou, e que bem! um par de bofetadas. Pai dos Elviritos e quase meu, era casado com a tia Elvirita, que pessoa fantástica.

O tio Zé, o José Luís, tinha muita “altura”, lembro-me do tio Zé todo azul, na sua farda da Força Aérea, de luvas brancas a afinar o VZ, o seu Mercedes. Explicou-me porque é que o foguetão do Tim Tim andava no espaço, onde não havia ar. Uma vez entrei no quarto do tio Zé e fiquei esgazeado a olhar para o seu estojo de desenho, era mesmo lindo! ... disse-me, quere-lo? E eu respondi logo, talvez lançando a mão, sim tio. Então quando entrases para a faculdade dou-to. E deu.

O tio Gonçalo, vivia em Viana do Castelo, lembro-me dele, da tia Bebé e dos primos a descerem do avião, vindos do porto, num Natal. Pai dos gémeos que nasceram de seis meses e, que hoje, são bem grandes e saudáveis. Com todas as vicissitudes que teve e não foram poucas, sempre andou de frente erguida, lutou o que conseguiu, sem desvanecer e em todos deixou saudade.

O tio Salvador, o Ginga, pianista e organista da capela de Sassoeiros, sempre com histórias do arco-da-velha e ideias vadias, a quem eu saio?! Viajante, simpático, terno, sensível e grande conversador. Fez uma firma a LOAL, Lupi, Orey e Alegria Lda, que vendia uma cola tudo que o meu pai adorava, a Pattex. Muito coleí eu e o meu irmão Vasco com o raio da cola, principalmente os dedos e as paredes lá de casa.

O tio Bré, Bernardo, um ser de referência, como todos os outros, muito



amigo, mais rígido e encarregado de educação. Sempre pronto e disponível, foi ele que me emprestou o carro para a minha lua-de-mel. Tenho tias, a tia Lelinha, que me lembro de dormir, em cama de dossel, no quarto das noivas em Sassoeiros. Casou no 1 de Janeiro, com o tio Diogo. A patinagem estava coberta com um toldo. É a mais alta das tias. Sempre a sorrir e muito bem-disposta. Ar sério, por vezes, mas sempre firme. É uma jóia.

Se me ponho a dizer o que sinto por cada um e uma e as qualidades que têm, repito-me e, como são catorze, repetir-me-ei muito, o que não quero.

A tia Cecília, a nossa freira, Deus deu-lhe aquele corpinho para poder guardar aquele coração. Já mais perto de mim, esta tia querida, que me ensinou a rezar e que me escondia da Aíte, de muitas repetições de vogais e ditongos me safou. Mas não há bela sem senão... e, um dia, na sequência de uma experiência culinária feita na casa das bonecas, em Sassoeiros, empanturrrou-me a mim e ao Carlos primo (Carlos Alberto, como eu, Lopes de Albuquerque d'Orey - Elvirito) com uma mousse de chocolate. Durante anos nem pudémos ver, quanto mais comer, mousse ou doce achocolatado.

A tia João, casou com o tio Vasco Belmonte que ia à Quinta de Sassoeiros namorar e, espanto..., o carro dele tinha rodas de aro de madeira. Que tia esta! Leal e segura e, ainda por cima, linda.

A tia Marichen, mãe do Luís Botelho. As dores do meu parto foram oferecidas a Deus, pela minha mãe, para que a tia Marichen, casada há mais tempo, conseguisse ter filhos. Um ano certo (dia e hora) depois, nasceu o Luís. A 12 de Julho de 1947. Era uma mulher grande e afável. Quando nos abraçava era óptimo. Se havia algum receio aquele colo tudo resolvia. Casada com o tio Janas, João Botelho, grande amigo.

A tia Luísa, sempre muito bem arranjada e de cigarro na mão, mãe de três das minhas cinco primas mais velhas, sim, eu sou o neto mais velho a pequena distância do Carlos, não chega a dois meses, a Nucha - (Vasco), a Bolota - (Luísa), a Nini - (Vasco) a quem tanta ternura e amizade devo, a Fia - (Luísa) e a Vera - (Luísa) - não me esqueço Vera, obrigado a ti e ao Tó - são as netas que me antecedem, depois seguem-se muitos e muitas... Almoçava muitas vezes lá em casa. Era, como as outras, uma amiga disponível e cúmplice.

A tia Inês, que supera todos os dias o fado que Deus lhe deu e, ri! É sempre uma doçura e é tão bom estar com ela. Marcou a minha meninice, esta Senhora, por duas graves e grandes razões. Uma de ordem física, doeu a sério! A outra do foro da justiça.

Tinha a tia uma amiga, de seu nome Janeco. Quando na Quinta se suspeitava que a Janeco lá ia, a rapaziada, se já andava normalmente a

monte, passava a andar bem longe, monte, serra ou cordilheira, eu sei lá, ... fugíamos para a mata. Mas nem assim escapávamos. Não é que as torpes mentes, um dia, resolveram brincar às enfermeiras. Até aqui tudo bem, mas faltavam os pacientes... Ideia de Janeco! - continuo a associar a este nome, o terror - esticar um cordel na frente de casa, que era de saibro bem bicudinho, entre o pinheiro e a porta.

- Oh Inês, quando eles vierem, ficas ao pé do baloiço e chama-los. Diz-lhes para irem a correr, que tens rebuçados do Sr. Portugal.

Correria dos Carlos e Ló, cordel esticado, joelho e cotovelo esfolado. Lágrimas, talvez, gritos e ais não. Escola de rijinhos. Choros e gritos, rua tirada.

Ei-los na enfermaria, um burro montado no vão das escadas. Uns na bicha das urgências e o outro, na maca. Janeco de branco, Inês de frasco de mercúrio e algodão, pensos e adesivos. Nisto chega o meu pai (era médico) - Oh Adolfo, vem cá! Achas que estão bem tratados...

A outra é pior, tem a ver com justiça e posse. Nasceu o Jacob, jumento, filha da burra da Quinta. Por direito, consuetudinário e todos os outros direitos, o bicho era nosso, dos rapazes, tios e primos. (Joãomã, Lourenço e Carlos, dois ss propositados). A tia Inês em manobra soez, não digo que não tenha sido inteligente, hábil e sobretudo eficaz, mas foi baixa! aproxima-se do avô e diz-lhe:

- Pai, dá-me o Jacob? Até já o tinha baptizado.

O avô deu-lhe o burro e nós... penámos e não esquecemos. Um beijo, tia.

Faltam-me os mais novos, os "tios" da minha idade, ou quase, o João Manuel (Joãomã) e o Lourenço (Ló). Os atratores de mosquitos, como afirma o Carlos primo. Somos tão próximo que até na Marinha e na Guiné, nos cruzámos. Que amigos. Somos duas gerações tão interligadas e que sabemos separar, afinal, são irmãos da minha mãe. É muito bom.

Vivemos muito tempo juntos, partilhámos brincadeiras e tristezas, sofremos o cáustico acordar, para ir ajudar à missa, com que o avô de esponja na mão, bem molhada, nos brindava e a que invariavelmente o Joãomã reagia dizendo alto:

- A mim não, Sr. d'Orey, por favor, por favor.

Destes dois cúmplices não digo mais e... eles compreendem. Aliás o Carlos, (existem dois Carlos, eu e o Carlos primo, um era o Carlinhos e outro o Carlitos, mas havia sempre enorme confusão, até porque nos convinha... ) já se lhes referiu e até aprendemos a fumar juntos!!!

Um enorme beijo aos tios.

## O GONÇALO E A BÉBÉ

por Vasco Maria Portugal e Castro d'Orey



Vasco, Kika, Luisa, João Gui, Rosarinho e Bébé, com os respectivos filhos, que ao todo somam 18 e ainda os dois bisnetos são, hoje em dia, a descendência do Gonçalo e da Bébé. A Bébé que o Gonçalo trouxe para uma família que a acolheu, resguardou e protegeu.

O meu Pai, o Gonçalo, sobre quem a minha Mãe me pôs escrever, é hoje uma enorme saudade. Não passa um dia que não me lembre dele. Dele guardei a sua enorme atracção pelo mar ("É sempre tão grande"), ao qual estive tão profundamente ligado. E dele, reconhecidamente, recebi muitos ensinamentos. Um dos quais certamente se encontra ligado com a sua capacidade de enfrentar as dificuldades e de sempre tentar dar uma nova (e melhor) volta à sua vida. E do quão longe nos pode levar um gesto simpático. E o bom que é ler. E não falar muito. E o óptimo que é conversar com os amigos (com os verdadeiros amigos), partilhar um bom vinho e a satisfação que pode dar ser-se capaz de cozinhar para a família. E o gosto que é estar com os filhos. Tudo o anterior, e certamente muito mais, o meu Pai me deixou. E deixou-me a imensa saudade com que o lembro

## UM DIPLOMA REPUBLICANO

por Maria João d'Orey de Figueiredo Cabral Câmara

«Não quero ter um diploma Republicano!» terão sido as palavras de meu avô, Vasco de Albuquerque d'Orey, perante o último exame do último ano do seu curso de Direito em Coimbra. Marcado para o dia 10 de Outubro de 1910, recusou-se a prestar provas certamente por considerar indigno do seu *curriculum*, terminar o curso num regime republicano! Não terá sido a coisa mais inteligente que fez - como tão bem lhe fez notar seu Pai, Ruy de Albuquerque d'Orey -, mas ficou nos anais familiares!

Com esta disposição, monárquica e inquebrantável, foi para o Brasil pouco depois.

Antes da partida Ruy deu-lhe duas libras dizendo «espero que sejam as últimas que te dou!» o que parece que se cumpriu. Por lá ficou alguns anos a trabalhar com seu tio José Diogo de Albuquerque d'Orey.

A Orey representava no Brasil várias companhias francesas e querendo Vasco voltar para Portugal, ainda em tempo de guerra, decidiui que embarcava num barco francês. Ficou também para a história familiar a aventura do regresso. Apresado o barco pelos alemães, os passageiros foram obrigados a passar por uma tábua de um navio para o outro. O meu avô contou muitas vezes ao meu Pai (que o admirava profundamente), as vertigens que teve ao passar, não sabendo muito bem como não caiu ao mar. Presos num porão vários dias, relatava muitas vezes o quanto lhe custou dizer as horas infinitas vezes por dia, já que era o único que tinha um relógio...

Colocados numa lancha com uma bússula disseram a estes “prisioneiros”: «O Recife é para ali...» e lá chegaram ao Recife, sem dinheiro e sem nada. O representante da Orey naquela cidade, não o conhecendo, não queria ajudá-lo. O meu avô empenhou então o seu relógio, telegrafou para o tio José Diogo (que estava no Rio de Janeiro) e lá conseguiu sair dali. Lembrou muitas vezes este episódio dizendo com evidente conhecimento de causa: «pobres daqueles que estão na mó de baixo!».

Na mó de baixo estiveram os franceses quando, durante a segunda Grande Guerra não tinham como abastecer os seus navios. Ninguém se arriscou a abastecê-los. Mas Vasco de Albuquerque d'Orey fê-lo. Sem garantias.

Poderia continuar a contar histórias sobre este meu avô que não conheci. Li muitas das cartas que escreveu ao seu pai, e conheço algumas das suas atitudes nos negócios. Foi um homem frontal e honesto. Criou riqueza. Levava uma vida simples e adorava este país. Sei alguns episódios - tristes e alegres - da sua vida, onde demonstrou ser uma pessoa inteligente, íntegra, simpática, e amigo do seu amigo. Sei também uma parte do que este meu avô fez em prol da sua prole. Era um homem profundamente crente. Na carta que escreveu antes de morrer afirma ter levado a sua vida «com Cristo, por Cristo e em Cristo».

Se bem que nunca o tenha conhecido - sempre tive muita inveja dos meus primos mais velhos! - gosto muito deste avô que tenho no céu e sei o seu retrato de cor. Tenho a certeza de que, de lá, ele intercede e olha por todos nós... E tem muito trabalho! É muita gente! É que - e não resisto dizê-lo! - eu sou a sua quinquagésima neta! Mais novos do que eu há ainda mais vinte e três...



## CONTA A LELINHA...

Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel (7ª filha)

A Mãe era uma psicóloga e pedagoga excepcional.. Nunca fui uma boa estudante e aos 15 anos a Mãe decidiui que eu não continuava no colégio, mas claro que não podia ficar sem fazer nada. Organizou em casa, com várias outras cábulas como eu, um curso em que aprendíamos Francês, Inglês, História, desenho, bordados, etc. Tinha a pachorra de vez em quando de levar-nos a ver fábricas e museus..

Divertíamo-nos emenso, e como era divertido sempre apreendíamos algumas coisas, e deu-nos uma certa cultura e sobretudo o gosto por ela. Moralmente com o seu exemplo transmitiu-nos o respeito pelos outros e a importância da generosidade.

Um dia em que o Guilherme e a Elvirita vieram de Viana passar uns dias a Lisboa, eu tive que ceder o meu quarto, o que não fiz de boa vontade. A Mãe com muita calma encheu-me de vergonha dizendo que estava triste ao ver que eu, em vez de ficar contente com a vinda dos manos que há tanto tempo não via, me estava a queixar.

Também nos punha com responsabilidades em casa. Eu governava a casa e estava também encarregue das flores, tarefas que ela exigia que cumpríssemos. Deu-me boas bases para governar a minha, embora passasse de um batalhão para dois nem sempre foi fácil, mas as bases cá estavam e como ela dizia: "A fome e o frio põe a lebre a caminho". Também com ela por vezes visitávamos pobres, nomeadamente a ilha que era o Convento das Bernardas na Madragoa, o que me deu o sentido da partilha e também o respeito pelo outro, e da sua dignidade de filhos de Deus.

Estou-lhe agradecida pela forma como me transmitiu a forma de procurar construir à minha roda um pouco de Amor e de Paz. Do Pai aprendi o valor da ternura, dedicação e nobreza de Alma. Era connosco ternurento como a Mãe, fazendo à sua roda um ambiente tão agradável e descontraído, uma casa sempre aberta, onde não só a família como os amigos se sentiam bem. Nisto a Mãe também não se poupava a esforços.

Ambos me transmitiram o valor da Fé que viviam com coerência. A união deles foi um exemplo para todos nós.

A minha vida de solteira foi tão feliz que a procurei transmitir aos meus filhos esperando que as boas lembranças que conservo, também eles as consigam ter."





## UM DIA DE ANOS DO AVÔ VASCO

por Carlos d'Orey

Era o dia 1 de Novembro

Naquele ano houve alguém que se lembrou de fazer uma surpresa ao Avô no dia dos seus anos.

A ideia deve ter partido da Zelle (a Marília), que estava connosco desde que viemos para Lisboa, entrou lá para casa para tomar conta de nós como Madmoiselle, mas depressa se tornou numa pessoa da família, muito querida não só por nós, mas por todos os primos e primas. E a Marília estava sempre pronta para estas iniciativas.

Mas do que se tratou afinal?

Uma peça de teatro.

Os protagonistas, os Rolos e os Elviritos, os que ao tempo existiam.

Se não estavam na rua Castilho, estavam na Rodrigo da Fonseca, se os meus Pais iam para a Quinta das Encostas, também iam a Tia Isabel e o Tio Adolfo. Para onde saía o Chrysler da rua Castilho logo o seguia o Plymouth da Rodrigo da Fonseca.

Corriam os anos cinquenta, eu teria uns 8 anos, a mesma idade do Carlos Rolo, com um ano a menos estavam a Nina e a Manu, seguiam-se a Binha e a Guida, a João e a Becas.

O actor mais pequeno era o Vasco Rolo, que ainda precisava do andarilho para andar e ia de chucha na boca, mas nem por isso deixou de fazer o seu papel.

As personagens eram toda a espécie de aves de capoeira. A produtora, realizadora, encenadora, a sempre presente Marília.

O guarda roupa não foi de confecção simples. Foram comprados tecidos de qualidade, os adereços escolhidos com cuidado, tarefa que coube naturalmente à Marília. Na confecção foi aplicada a mais apurada técnica da Bábá, a costureira da rua Castilho.

O acto principal e que abriu as festividades, foi o cortejo da capoeira. Uns atrás dos outros desfilaram as personagens, eis os versos cantados em coro:

### Refrão

*Ratapläo, plão, plão,  
Da capoeira,  
Sai toda inteira  
a criação.*

Carlos Rolo( Galo)    Carlos d'Orey (Peru)    Nina e Manu(Galinhas)

À frente o galo	Segue o tenente	Uma Galinha
Levanta o pó	Gordo peru	Leva a bandeira
Crista Vermelha	Com grande pompa	Seguem os Pintos
cócórocóco	Glugluglugu	Todos em fileira

A Binha e a Guida eram os patos, a João Rolo, a Becas e o Vasco os pintos. Acho que havia mais dois versos, um para os patos e outro para os pintos, mas dos quais ninguém se consegue lembrar.

Seguiram-se outros actos com outras personagens:  
O Carlos Rolo e eu fizemos um número de palhaços.

Vieram a seguir a Manú, a Guida e a Binha que cantavam estes versos:

Uma boneca, loira a sinhá	E a Namorá-las
outra de espada toda valente	Com vista sonsa
desata aos gritos	Está o palhaço
vamos prá frente	Que se desengonça



Por fim, fazendo a Manú o papel de um rapaz e a Nina o de uma rapariga, cantaram:

Vamos até ao Jardim	Ai, meu amor	Amar assim
Vamos ambos passear,	Minha paixão	Que bom que é
Já que nos deram enfim	Ai como bate	Ai, Mimi,
A liberdade de amar	O meu coração	Ai, Bebê

É pena que nenhum de nós saiba escrever música, para os que não assistiram melhor pudessem visualizar o ambiente dos diversos actos. Mas ainda nos lembramos da música e conseguimos cantá-las. Pode ser que algum primo com talento de músico se queira encarregar dessa tarefa.

No patamar das escadas que vinham do andar de cima foi improvisado um camarote onde estavam, em lugar de honra, a Avó Manuela e o Avô Vasco. O restante espaço era preenchido pelos outros tios e tias que na altura estavam na quinta.

Todos aplaudiram os actores, mas, com o que estes ficaram mas ufanos foi com os aplausos dos Avós Manuela e Vasco, que seguiram muito interessados toda a actuação e muito apreciaram o talento dos netos.



## A MARICHEN E O CATECISMO

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)

Uma carta da Marichen (Maria Elvira Albuquerque d' Orey ) então com 19 anos (22/7/1943) para o meu Pai (José Diogo Sampayo d' Orey) (verde) e o miúdo é o meu irmão Zé Maria. Pelo à vontade com que expõe o processo de catequização (6 páginas) já deveria ser uma SUPER CATEQUISTA!

Também deu catequese aos meus filhos. Um dia o Tiago diz-me: - Oh Mãe, a tia Marichen diz que tudo é de Deus! É verdade? Respondi que se a tia Marichen diz, é porque é! Então volta o Tiago: - Então como foi? Um dia Deus veio cá e comprou tudo? Fiquei atrapalhada e respondi-lhe que a tia Marichen sabia imenso... e que lhe explicaria isso lindamente!. Nunca soube da resposta! Então a carta...

«Querido tio Zéquinhas, O prometido é devido, aí lhe mando as folhas de catecismo como prometi dar. Agora o tio procure explicar o que quer dizer as palavras e fazer ao miúdo umas lições interessantes e divertidas para ele não achar uma maçada aprender o catecismo e sair das suas mãos um bom cristão. Passe-lhe alguns exercícios para fazer sobre as lições que lhe der, pois eles adoram. Estou radiante cá na quinta como pode calcular, os manos todos engraçadíssimos e o João Manuel já fala imenso. O cacto que me deu vai famoso. Saudades de todos e para si mil beijos e um xi da sobrinha que gosta muito de si e pede a Deus que corêe os seus esforços. Marichen»



## O NOIVADO DA LULU

por Redacção Gazeta d'Orey

A Lulu (Maria Luisa d'Orey Barreira Cravo ) (amarelo e verde) ficou noiva no dia 20 de Junho, com uma festa muito bonita em Uberlândia, interior de Minas Gerais (terra do noivo) cuja avó com 96 anos, não se podia deslocar até S. Paulo, razão porque a festa foi lá. O noivo é de origem hungara, Arthur Wittemberg.

Casam, se Deus quiser a 13 de Dezembro de 2008. Esta foto foi do almoço de noivado, pois houve um jantar e um cocktail! Foram 3 dias de festança!, os dias 20, 21 e 22 de Junho de 2008.



## BAPTISMO DO XAVIER

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)

O quarto filho da Mariana d'Orey Bramão Ramos (verde) e do Luís Inácio Luz, foi baptizado pelo Diácono José Noronha de Andrade, na Igreja de Stº António do Estoril, no dia 7 de Junho.

Os Pais do Xavier ofereceram um simpático almoço na sua casa, no Monte Estoril, com um ambiente muito leve, feliz e muito bonito, como normalmente reina naquela casa.



## AGRADECIMENTO

por Redacção Gazeta d'Orey



Por falta de espaço esta mensagem não vem na primeira página desta Gazeta. Não queríamos, no entanto, deixar de passar esta oportunidade para afirmar que nunca é demais agradecer aos primos da Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey a ajuda monetária de pelo menos 85% das despesas (telefone, correio, gasolina, fotografia, livros, digitalizações especiais, impressões, etc.) que temos tido ao realizar esta obra.

Sem essa ajuda não era possível chegar até aqui! E mais! Essa ajuda foi dada sem qualquer condição, imposição ou interferência na realização de qualquer número da Gazeta d'Orey.

Portanto em nome de todos os d'Orey (os que agora gostam e a lêem e para os que não deixarão de ter essa oportunidade mais tarde), um MUITO OBRIGADO!

